

Psicoterapia psicodinâmica breve: estado da arte

Elisa Medici Pizão Yoshida⁽¹⁾

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

O objetivo deste trabalho é de apresentar o estágio atual das psicoterapias psicodinâmicas, enfatizando as técnicas de tempo limitado. Para tanto, faremos uma breve retrospectiva histórica, destacando as contribuições mais importantes de cada uma das duas primeiras gerações de pesquisadores desta modalidade terapêutica, na definição do quadro atual. Focalizaremos, outrossim, desenvolvimentos ocorridos no campo da pesquisa em psicoterapias e que vêm se mostrando igualmente úteis, nas investigações dos processos psicodinâmicos breves. Finalizaremos com algumas considerações sobre a prática atual das psicoterapias breves e algumas sugestões aos pesquisadores brasileiros, visando colaborar para o desenvolvimento da pesquisa nesta área, entre nós.

Retrospectiva Histórica

As psicoterapias psicodinâmicas breves surgiram do questionamento de alguns psicanalistas sobre a adequação da psicanálise como única técnica terapêutica para fazer face aos diferentes tipos de pacientes. À medida que a teoria psicanalítica evoluía, modificações técnicas fizeram-se acompanhar, resultando em um prolongamento crescente dos processos terapêuticos (Malan, 1975, Marmor, 1979). Por volta

dos anos quarenta, Alexander e French, à frente do Instituto de Psicanálise de Chicago, deram início a uma série de experiências buscando determinar a importância relativa dos diferentes parâmetros da técnica psicanalítica. Fizeram pesquisas para estabelecer, por exemplo, a importância de se manter constante a frequência de sessões ao longo de todo o atendimento, a relação entre profundidade do *insight* e extensão da terapia, tipos de intervenções do terapeuta e resposta do paciente, entre outras. De todo este trabalho, que se estendeu por quase uma década, destacaríamos as seguintes contribuições: 1. A proposta do "Princípio da Flexibilidade" e 2. A Identificação da "Experiência Emocional Corretiva" (Alexander e French, 1956).

De acordo com o "Princípio da Flexibilidade", o terapeuta deve adaptar a técnica às necessidades do paciente. Esta idéia se opunha à tendência de então, que era a de buscar a padronização dos procedimentos técnicos. Por outro lado, a noção de "Experiência Emocional Corretiva", referia-se à necessidade de se criar condições para que o paciente pudesse manter com o terapeuta um padrão de relação que contrastasse com a vivida no passado com os objetos primários, abrindo-lhe assim a possibilidade de ter uma experiência emocional que retificasse e adequasse a percepção da realidade atual.

Apesar do caráter dissidente dessas contribuições, Alexander e French não aceitavam que estivessem propondo algo diverso da psicanálise. Ao contrário, tentaram, de certa forma, minimizar as diferenças, argumentando

⁽¹⁾ Endereço: Departamento de Pós-Graduação em Psicologia, Rua Waldemar César Silveira, 105, Swift, Campinas, SP, CEP 13023, Fone/Fax: (019) 230-5298.

Endereço Residencial: Rua Nanuque 394, ap. 152, V. Leopoldina, São Paulo, SP. CEP: 05302-031. Tel./Fax : (011) 261-3390.

que se deveria pensar em um *continuum* de alternativas técnicas, todas elas legitimamente psicanalíticas.

A despeito da reação contrária que essas propostas suscitaram, alguns profissionais, mais envolvidos com o trabalho institucional, passaram a experimentar na prática essas e outras modificações técnicas, dando origem a novos desenvolvimentos. Por exemplo, com seu trabalho voltado para a assistência de pessoas em crise, Lindemann (1944) defendia a maior atividade do terapeuta e a brevidade da intervenção. Uma outra inovação foi proposta por Balint (Marmor, 1979), tratava-se da noção de foco. Isto é, o terapeuta, juntamente com o paciente, deveria selecionar uma "área" conflitiva a ser trabalhada e sua resolução deveria constituir o objetivo do atendimento.

Todas essas contribuições foram se somando, tomando corpo, para dar finalmente origem a uma nova modalidade terapêutica que passou a ser conhecida por: Terapia Psicodinâmica Breve, ou Terapia Dinâmica de Curto Prazo, ou ainda, Terapia Psicodinâmica de Tempo e Objetivo Limitados (Knobel, 1986).

A primeira geração de pesquisadores

Dois autores destacaram-se, inicialmente, como proponentes de técnicas psicodinâmicas breves: Malan (1975, 1981) e Sifneos (1972, 1989). Ambos defendiam maior atividade do terapeuta, focalização da atenção dos participantes sobre um conflito básico e a utilização de intervenções transferenciais seletivas para fazer face às dificuldades do paciente. Uma outra preocupação destes autores, e que marcou toda a história das psicoterapias breves, é a necessidade de se definir claramente os critérios de indicação e de contra-indicação de pacientes para essa modalidade terapêutica.

Ainda dos anos setenta, temos duas outras técnicas de psicoterapias breves que

merecem referência. A técnica de Mann (1973) e a de Davanloo (1980). Elas se diferenciavam das duas primeiras, entre outras coisas, por um certo abrandamento nos critérios de seleção dos pacientes. Enquanto Mann enfatizava como critério de aceitação a possibilidade de o paciente ligar-se e desligar-se de uma situação independentemente de uma avaliação mais rigorosa da severidade da patologia, Davanloo propunha-se a atender todo paciente que respondesse às "interpretações de ensaio" realizadas na entrevista inicial.

Aliás, este critério é até hoje defendido por ele, que realiza uma ou duas entrevistas iniciais, com duração aproximada de três horas cada uma, para identificar a responsividade do paciente à sua técnica. Tratam-se de intervenções que focalizam especialmente as defesas e as reações de ansiedade do paciente na relação com o terapeuta. O objetivo é o de quebrar as defesas do paciente de forma a permitir o "aflorescimento" do conflito inconsciente subjacente ao sintoma (Davanloo, 1989).

Malan, Sifneos, Mann e Davanloo foram os mais influentes autores da primeira geração de pesquisadores de psicoterapias psicodinâmicas breves. Todos eles defendiam quatro elementos até hoje considerados essenciais nesta modalidade terapêutica: Brevidade, Focalidade, Atividade do Terapeuta e Seleção dos Pacientes (Groves, 1996, Yukimitsu, 1991). Além disso, propunham frequência semanal para as sessões, atendimentos em posição face a face e, principalmente, um controle e manipulação da relação transferencial de forma a atingir os objetivos estipulados para cada caso.

A segunda geração de pesquisadores

Tendo sido definidos, portanto, os parâmetros necessários para as psicoterapias breves, a segunda geração de pesquisadores ocupou-se em determinar a especificidade das

diferentes técnicas. À medida que evoluía a pesquisa, foi se evidenciando a necessidade de descrições mais precisas dos processos terapêuticos (Strupp e Bergin, 1969; Binder, Henry e Strupp, 1987). Além disso, as agências governamentais e companhias de seguro americanas passaram a exigir a especificação dos tratamentos indicados e a qualificação dos profissionais para administrá-los. Como conseqüência, vamos assistir, sobretudo nos Estados Unidos, a uma proliferação de técnicas de psicoterapias para diferentes populações-alvo. Somente para exemplificar, podemos citar: a terapia breve para pacientes *borderline*, sugerida por Leibovich (1981;1983); para pacientes vulneráveis, defendida por Krupnick e Horowitz (1985); para desordem de personalidade passivo-agressiva, de Magnavita (1993); a psicoterapia interpessoal para depressão de Klerman (Klerman, Weissman, Rounsaville e Chevron, 1984), entre outras.

Ou seja, o movimento das psicoterapias psicodinâmicas breves acompanhou, nos anos 80, o desenvolvimento verificado no campo das psicoterapias em geral. Como para as demais modalidades, houve uma proliferação de propostas técnicas visando uma grande variedade de distúrbios, desordens de personalidade e diferentes problemas de relacionamento interpessoal. No que respeita à pesquisa, foram desenvolvidas novas metodologias de investigação buscando respostas mais condizentes com a complexidade da experiência clínica.

Uma revisão das técnicas psicodinâmicas breves dos anos 80, assim como dos novos métodos de pesquisa desenvolvidos neste período, estaria fora do escopo deste trabalho. Contudo, podemos indicar algumas obras de referência para o leitor interessado. Para uma visão das principais técnicas psicoterápicas podemos citar o livro, *Handbook of Short-Term Dynamic Psychotherapy*, de Crits-Christoph e Barber

(1991). Outro, mais recente, seria o organizado por Groves (1996), intitulado: *Essential Papers on Short-Term Dynamic Therapy*. Quanto aos desenvolvimentos em pesquisa, uma alternativa seria o trabalho de Beutler e Crago (1991), intitulado *Psychotherapy Research: an international review of programmatic studies*, que como sugere o título, fornece uma revisão de 40 Estudos Programáticos realizados por pesquisadores vinculados à *Society for Psychotherapy Research (SPR)*. Aqui, devemos notar que não se trata de pesquisas exclusivamente relacionadas às psicoterapias psicodinâmicas breves, mas que vários capítulos enfocam esta modalidade psicoterapêutica. Outras referências seriam: o livro, *Psychotherapy Research and Practice: Bridging the Gap*, organizado por Talley, Strupp e Butler (1994), ou ainda o livro, *Reassessing Psychotherapy Research*, editado por Russel (1994).

Voltando, portanto, aos desenvolvimentos ocorridos no campo das psicoterapias psicodinâmicas, devemos dizer que a despeito da grande diversidade constatada, algumas contribuições destacaram-se por sua utilidade, seja no que concerne à formação de profissionais e à prática das psicoterapias breves, seja no que se refere à fertilidade evidenciada no campo da pesquisa. Dentre estas contribuições, gostaríamos de citar o desenvolvimento de Manuais de Tratamento (Luborsky e Barber, 1993) e o esforço crescente em se utilizar baterias de medidas padronizadas, para viabilizar estudos comparativos e o acúmulo de conhecimento na área (McCulloch, 1993).

Os Manuais de Tratamento

Quanto aos "Manuais de Tratamento", estes foram idealizados com o propósito de padronizar e de operacionalizar as intervenções terapêuticas usadas por uma determinada técnica, permitindo sua avaliação em larga escala. Além disso, pretendem favorecer o estudo

comparativo de resultados entre as diferentes técnicas e os de uma mesma técnica quando aplicada a diferentes tipos de pacientes. Um terceiro objetivo corresponde ao fornecimento de diretrizes para o ensino e a formação de terapeutas, que desta forma se dá de maneira mais sistemática e fidedigna (Luborsky e Barber, 1993).

Basicamente, os Manuais de Tratamento apresentam: 1. os princípios norteadores da psicoterapia para os quais foram concebidos; 2. guias concretos para a prática da técnica; 3. escalas e medidas para se estimar o grau em que a técnica foi empregada (Luborsky, 1984).

A presença de escalas e medidas para aferir o grau de aderência à técnica pelo terapeuta constitui, segundo Luborsky e Barber (1993), a característica principal que distingue os modernos Manuais de Tratamento dos tradicionais, em que apenas os dois primeiros itens mencionados acima estavam presentes. Quanto à forma de aplicação, tratam-se de escalas avaliadas por juizes independentes, com base em gravações em vídeo e/ou áudio, das sessões de terapia. São, grosso modo, medidas descritivas que contêm questões referentes às habilidades e comportamentos do terapeuta e ao grau de ajuda oferecido.

No que concerne às técnicas psicodinâmicas breves que contam atualmente com Manuais de Tratamento, podemos citar: a Terapia Interpessoal da Depressão (Klerman et al., 1984), a Terapia Suportivo-Expressiva (Luborsky, 1984) e a Psicoterapia Dinâmica de Tempo Limitado (Strupp e Binder, 1984, 1993). A Terapia Interpessoal da Depressão é definida por seus idealizadores como uma técnica psicodinâmica. Contudo, esta classificação não é unanimemente aceita por outros autores. Por exemplo, Luborsky e Barber (1993) consideram que ela corresponda a "outras formas de psicoterapia", figurando ao lado da Terapia Cognitiva da

Depressão de Beck, também "manualizada" (Beck, Rush, Shaw & Emery, 1979).

Subseqüentemente ao aparecimento dos Manuais de Tratamento surgiram na literatura internacional inúmeras pesquisas voltadas para: 1. a determinação de sua eficiência no desempenho dos terapeutas (por ex., Luborsky, McLellan, Woody, O'Brien e Auerbach, 1985); a determinação, do grau de aderência à técnica (por ex., Rounsaville, O'Malley, Foley e Weissman, 1988); das conseqüências da aderência sobre os resultados terapêuticos (por ex., Crits-Christoph, Cooper e Luborsky, 1988); além de pesquisas comparando a eficiência de diferentes técnicas entre si (por ex., Chevron e Rounsaville, 1983).

No que se refere à utilidade dos Manuais de Tratamento para a formação de terapeutas, uma pesquisa visando avaliar o desempenho de terapeutas experientes antes e depois de treino baseado no Manual da Terapia Dinâmica de Tempo-Limitado, indicou que, após a formação, os terapeutas voltaram-se significativamente mais para o padrão maladaptativo interpessoal e estavam mais atentos ao relacionamento terapêutico (Butler, Henry, Strupp e Lane, 1991, apud Butler e Strupp, 1993).

Deve-se, contudo, notar que, no estágio atual das pesquisas, não se tem ainda bem estabelecidas as relações entre aderência ao Manual, competência do terapeuta e qualidade dos resultados obtidos. Aparentemente, os terapeutas que aderem à técnica seriam aqueles cujas características de personalidade os predisporiam a agir nos termos propostos pelo manual. E que, como conseqüência, apresentariam melhor desempenho no uso da referência técnica (Luborsky e Barber, 1993).

Por outro lado, como o sugerem Luborsky et al. (1985), além de aderência à técnica, um outro fator se correlaciona positivamente com os resultados obtidos. Tratam-se das qualida-

des pessoais do terapeuta e de sua capacidade de estabelecer uma aliança de ajuda. Nesta medida, é possível que a maior utilidade dos Manuais, para a prática profissional, esteja relacionada à fase inicial da formação do terapeuta. Pois, como se sabe, a operacionalização de conceitos e as descrições detalhadas de procedimentos facilitam a identificação de aspectos do processo terapêutico, que demandariam muitos anos de atividade clínica para serem discernidos, se baseando apenas na experiência pessoal.

Quanto à pesquisa, esta parece ser o campo para a qual os Manuais se mostram mais adequados. De fato, é na pesquisa que as prescrições dos Manuais têm sido usadas como parâmetros para a avaliação do desempenho de diferentes terapeutas, permitindo desta forma a mensuração do desempenho individual e a comparação entre terapeutas.

As Baterias Padronizadas de Medidas de Avaliação

Passemos agora para a outra contribuição que, como referimos acima, consideramos significativa no delineamento do quadro atual das pesquisas em psicoterapias psicodinâmicas. Trata-se da sugestão de se empregar baterias padronizadas de instrumentos de medidas, na avaliação de resultados e de processos terapêuticos.

Embora o uso de baterias padronizadas não esteja exclusivamente ligado às psicoterapias breves, constitui um procedimento que vem sendo bastante estimulado nos Estados Unidos e Canadá, onde as pesquisas em psicoterapia estão prioritariamente voltadas para os processos de curta duração (Beutler, Crago e Machado, 1991; Yoshida, Gatti, Enéas, Coelho Fº e Bobrow, 1995).

Segundo McCullough (1993), a primeira bateria padronizada foi sugerida por Waskow e

Parloff, nos anos 70, com o intuito de facilitar estudos comparativos de meta-análise. Todavia, esta iniciativa teria sido criticada por não considerar as especificidades dos objetivos de cada pesquisa e a orientação teórica dos procedimentos terapêuticos estudados (Lambert, Shapiro e Bergin, 1986, apud McCullough, 1993).

Nos anos que se seguiram, novos desenvolvimentos metodológicos nas pesquisas de processos terapêuticos contribuíram para o surgimento de uma grande variedade de instrumentos de medida. Muitos deles foram concebidos a partir de referenciais teóricos específicos, possibilitando sua combinação na formação de diferentes baterias, para diferentes tipos de pesquisa. Uma revisão destes instrumentos pode ser encontrada em McCullough (1993), ou ainda, em Clark e Friedman (1983).

A idéia subjacente à proposição de baterias padronizadas refere-se, como já mencionamos acima, ao propósito de se criar condições para um movimento convergente no campo da pesquisa em psicoterapias, de forma a viabilizar o acúmulo de conhecimentos na área.

Esta idéia vem ganhando corpo no âmbito internacional, em que, como o afirmam Beutler, Crago e Machado (1991), já se constata um esforço sistemático entre os pesquisadores, no emprego de alguns métodos de mensuração a fim de garantirem padrões comuns aos dados coletados. Estes autores identificam os avanços tecnológicos, tais como: Bitnet, Internet, edição de periódicos internacionais, como alguns dos fatores relacionados ao intercâmbio crescente entre os pesquisadores e à adoção de estratégias e instrumentos comuns nas pesquisas. Destacam ainda a participação da *Society for Psychotherapy Research*, na viabilização de importantes projetos de pesquisa realizados de maneira colaborativa por pesquisadores de diferentes centros de pesquisa, e que têm contri-

buído de forma significativa para o avanço no estudo dos processos terapêuticos.

Talvez devêssemos acrescentar neste momento que o emprego de baterias padronizadas não significa a completa homogeneização do campo. Naturalmente, o desenvolvimento de novos instrumentos de medida, mais válidos e fidedignos, deve continuar a ser buscado. Mas estes deveriam ser utilizados em conjunto com outros, cuja utilidade já tenha sido comprovada em pesquisas anteriores.

Por outro lado, apesar da referida tendência em se utilizar procedimentos comuns de medida, o campo da pesquisa em psicoterapias continua, na atualidade, marcado pela diversidade. E, de certa forma, é desejável que assim se mantenha a fim de que sua vitalidade seja garantida. Devemos, contudo, estar atentos à necessidade de acumular conhecimentos na área, o que, no caso das ciências, se dá através de sucessivas observações sobre um mesmo fenômeno, feitas por investigadores diferentes, freqüentemente utilizando procedimentos semelhantes de mensuração.

Considerações finais

Resumindo, portanto, o que dissemos anteriormente, temos que o emprego de Manuais de Tratamento e a tendência crescente, entre os pesquisadores, de utilizar procedimentos de medidas comuns, vem contribuindo para um movimento convergente nas pesquisas sobre psicoterapias no plano internacional.

No campo específico das psicoterapias psicodinâmicas breves, as técnicas manualizadas são efetivamente as que se destacam, em função do maior volume de pesquisas e de publicações a elas relacionadas. A Psicoterapia Dinâmica de Tempo Limitado (Strupp e Binder, 1984), a Terapia Suportivo-Expressiva (Luborsky, 1984) e a Terapia Interpessoal da Depressão (Klerman et al., 1984) figuram como

modelos de sistematização de procedimentos terapêuticos, com critérios específicos de indicação e de contra-indicação, prescrições de intervenções para diferentes tipos de pacientes e instrumentos de avaliação da conduta do terapeuta no que respeita ao grau de aderência à técnica.

Quanto à maioria das pesquisas associadas a estas técnicas, acompanham a tendência mais geral dos estudos de resultado e de processo terapêutico da atualidade. Neste sentido, apresentam resultados baseados no emprego de procedimentos de avaliação que figuram entre os sugeridos para a composição de baterias padronizadas (Luborsky, Docherty, Miller e Barber, 1993).

No que se refere à realidade brasileira, não temos conhecimento de que tenha sido adaptado ou proposto algum Manual de Tratamento, nos moldes aqui discutidos. Temos, é verdade, importantes contribuições de autores nacionais, que vêm desenvolvendo e pesquisando diferentes técnicas adaptadas à nossa realidade (Ferreira Santos, 1990; Eizirik, Aguiar e Schestatsky, 1989; Simon, 1989; Knobel, 1986; Lemgruber, 1984). Mas, no nosso entender, elas demandam ainda maior volume de pesquisas empíricas, que permitam avaliar a eficácia relativa das diferentes condutas propostas para os diferentes momentos e situações do processo terapêutico, com diferentes tipos de pacientes.

Necessitariam igualmente do desenvolvimento de instrumentos de avaliação da eficácia do terapeuta no manejo da respectiva técnica.

Quanto ao uso de instrumentos comuns de medidas em pesquisas de psicoterapias, esta também não parece ser uma preocupação presente entre os pesquisadores. Ao contrário, temos constatado a falta de integração e de comunicação entre os diferentes centros de pesquisa, que muitas vezes desenvolvem projetos

de investigação com objetivos semelhantes, mas de maneira isolada e empregando instrumentos de medidas diversos.

No que respeita à prática das psicoterapias breves, nossa experiência pessoal, acrescida de indicações fornecidas por levantamento realizado entre profissionais de saúde da região de Campinas, sugere que o quadro não é mais animador. A constatação é a de que o clínico se ressentia da falta de técnicas adequadas à população assistida e de formação consistente, nesta modalidade terapêutica (Yoshida, Coelho F., Enéas, Gatti e Xavier, 1993). Apesar de já contarmos com algumas instituições voltadas para o ensino, o estudo e a pesquisa das psicoterapias psicodinâmicas breves na realidade brasileira (Yoshida, 1993), persistem o isolamento e a falta de contato efetivo entre elas.

Finalizando, gostaríamos portanto de propor aos pesquisadores envolvidos com o estudo das psicoterapias psicodinâmicas breves a implantação de intercâmbio de experiências e de resultados de pesquisa buscando diminuir as distâncias que nos separam. Poderíamos talvez começar discutindo o uso de instrumentos comuns de avaliação e de procedimentos de investigação para a comparação de resultados de pesquisa e a criação de uma base comum de conhecimentos.

Outro objetivo, algo mais ambicioso, seria o desenvolvimento de Manual ou de Manuais específicos de Tratamento, que considerassem as peculiaridades da formação de nossos profissionais e da respectiva clientela. Para tanto, poderíamos eventualmente dar início à formação de uma base de dados comum de pesquisa, constituída de registros em áudio e/ou vídeo de processos terapêuticos, realizados por terapeutas experientes, de diferentes pontos do país. A partir da investigação intensiva desse material, poderíamos, por exemplo, buscar identificar os tipos de intervenções e condutas

dos terapeutas mais provavelmente relacionados à possibilidade de mudança em pacientes brasileiros, que como sabemos, têm características culturais e sociais muito diferentes das observadas nos países do primeiro mundo, onde são realizadas a maioria das pesquisas disponíveis nessa área.

Estas sugestões, e outras que possam surgir de nossa discussão, deveriam no nosso entender ser implementadas visando o enriquecimento mútuo, a troca de informações e a realização de projetos de pesquisa de interesse comum.

Referências Bibliográficas

- Alexander, F. e French, T. M. (1956) *Terapêutica Psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós (tradução, 1946, The Ronald Company).
- Beck, A. T.; Rush, J. A.; Shaw, B. F. e Emery, G. (1979) *Cognitive Therapy of Depression*. New York: The Guilford Press.
- Beutler, L. E. e Crago, M. (Eds.) (1991) *Psychotherapy Research: an international review of programmatic studies*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Beutler, L. E.; Crago, M. e Machado, P. P. P. (1991) The status of programmatic research. Em, L. E. Beutler; M. Crago e P.P.P. Machado, (Eds.). *Psychotherapy Research: an international review of programmatic studies*. Washington, DC: American Psychological Association, cap. 42.
- Binder, J. L.; Henry, W. P. e Strupp, H. H. (1987) An appraisal of selection criteria for dynamic psychotherapies and implications for setting time limits. *Psychiatry*, 50, 54-166.
- Butler, S. F. e Strupp, H. H. (1993) Effects of training experienced dynamic therapists to use a psychotherapy manual. Em, N. E. Miller; L. Luborsky; J. P. Barber e J. P. Docherty. (Orgs.) *Psychodynamic Treatment Research: a handbook for clinical practice*. New York: Basic Books, cap. 11.

- Chevron, E. S. e Rounsaville, B. J. (1983) Evaluating the clinical skills of psychotherapists: a comparison of techniques. *Archives of General Psychiatry*, 40, 1129-1132.
- Clark, A. e Friedman, M. J. (1983) Nine standardized scales for evaluating therapy outcome in mental health clinic. *Journal of Clinical Psychology*, 39, 939-950.
- Crits-Christoph, P. e Barber, J. P. (1991) *Handbook of Short-Term Dynamic Psychotherapy*. New York: Basic Books.
- Crits-Christoph, P.; Cooper, A. e Luborsky, L. (1988) The accuracy of therapist's interpretation and the outcome of dynamic psychotherapy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56, 490-495.
- Davanloo, H. (Org.) (1980) *Short-Term Dynamic Psychotherapy*. Northvale: Jason Aronson.
- Davanloo, H. (1989) The central dynamic sequence in the unlocking of the unconscious and comprehensive trial therapy. Part I. Major unlocking. *International Journal of Short-Term Psychotherapy*, 4, 1-33.
- Eizirik, C.; Aguiar, R. e Schestatsky, S. (Orgs.) (1989) *Psicoterapia de Orientação Analítica: teoria e prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ferreira Santos, E. (1990) *Psicoterapia Breve - abordagem psicodramática de situações de crise*. São Paulo: Flumen.
- Groves, J.E. (Ed.) (1996) *Essential Papers on Short-Term Dynamic Therapy*. New York: New York University Press.
- Klerman, G.; Weissman, M.; Rounsaville, B. e Chevron, E. (1984) *Interpersonal Psychotherapy of Depression*. New York: Guilford Press.
- Knobel, M. (1986) *Psicoterapia Breve*. São Paulo: EPU.
- Krupnick, J. L. e HOROWITZ, M. J. (1985) Brief psychotherapy with vulnerable patients: an outcome assessment. *Psychiatry*, 48, 223-233.
- Leibovich, M. A. (1981) Short-Term psychotherapy for the borderline personality disorder. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 35, 257-264.
- Leibovich, M. A. (1983) Why short-term psychotherapy for the borderlines? *Psychotherapy and Psychosomatics*, 39(1), 1-9.
- Lemgruber, V. B. (1984) *Psicoterapia Breve: a técnica focal*. Porto Alegre: Lemgruber Artes Médicas.
- Lindemann, E. (1944) Symptomatology and management of acute grief. *The American Journal of Psychiatry*, 101, 141-148.
- Luborsky, L. (1984) *Principles of Psychoanalytic Psychotherapy: a manual for supportive-expressive treatment*. New York: Basic Books.
- Luborsky, L. e Barber, J. P. (1993) Benefits of adherence to psychotherapy manuals and where to get them. Em, N. E. Miller; L. Luborsky; J. P. Barber e J. P. Docherty (Orgs.) *Psychodynamic Treatment Research: a handbook for clinical practice*. New York: Basic Books, cap. 12.
- Luborsky, L.; Docherty, J. P.; Miller, N. E. e Barber, J. P. (1993) What's here and what's ahead in dynamic research and practice? Em, N. E. Miller; L. Luborsky; J.P. Barber e J. P. Docherty, (Orgs.) *Psychodynamic Treatment Research: a handbook for clinical practice*. New York: Basic Books, cap. 26.
- Luborsky, L.; McLellan, A. T.; Woody, G. E.; O'Brien, C. P. e Auerbach, A. (1985) Therapist success and its determinants. *Archives of General Psychiatry*, 42, 602-611.
- Magnavita, J. J. (1993) The treatment of passive-aggressive personality disorder: a review of current approach. Parte I. *International Journal of Short-Term Psychotherapy*, 8, 29-41.
- Malan, D. H. (1975) *La Psychothérapie Brève*. Paris: Payot (tradução, 1963, Tavistock Publications).
- Malan, D. H. (1981) *As fronteiras da psicoterapia breve*. Porto Alegre: Artes Médicas (tradução, 1976, Plenum Publishing Corporation).
- Mann, J. (1973) *Time-Limited psychotherapy*. Cambridge: Harvard University Press.
- Marmor, J. (1979) Short-term dynamic psychotherapy. *The American Journal of Psychiatry*, 136(2), 149-155.
- McCullough, L. (1993) Standard and individualized psychotherapy outcome measures: a core battery. Em, N. E. Miller; L. Luborsky; J. P. Barber e J. P. Docherty, (Orgs.) *Psychodynamic Treatment Research: a handbook for clinical practice*. New York: Basic Books, cap. 23.

- Rounsaville, B. J.; O'malley, S.; Foley, S. e Weissman, M.M. (1988) The role of manual-guided training in the conduct and efficacy of interpersonal psychotherapy for depression. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56, 681-688.
- Russell, R. L. (Ed.) (1994) *Reassessing Psychotherapy Research*. New York: The Guilford Press.
- Safran, J. D. e Muran, J. C. (1994) Toward a working alliance between research and practice. Em, P. F. Talley; H. H. Strupp e S. F. Butler. (Orgs.) *Psychotherapy Research and Practice: bridging the gap*. New York: Basic Books, cap. 13.
- Sifneos, P. E. (1972) *Short-term Psychotherapy and Emotional Crisis*. Cambridge: Harvard University Press.
- Sifneos, P. E. (1972) *Psicoterapia Dinâmica Breve: avaliação e técnica*. Porto Alegre: Artes Médicas (tradução, 1987, Plenum Publishing Corporation).
- Simon, R. (1989) Psicoterapia preventiva da família. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 16-18.
- Strupp, H. H. e Bergin, J. L. (1969) Some empirical and conceptual bases for coordinated research in psychotherapy: a critical review of issues, trends and evidence. *International Journal of Psychiatry*, 7, 18-90.
- Strupp, H. H. e Binder, J. (1984) *Psychotherapy in a New Key: a guide to time-limited dynamic psychotherapy*. New York: Basic Books.
- Strupp, H. H. e Binder, J. (1993) *Una Nueva Perspectiva en Psicoterapia*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer (tradução, 1984, Basic Books).
- Talley, P. F.; Strupp, H. H. e Butler, S. F. (Orgs.) (1994) *Psychotherapy Research and Practice: bridging the gap*. New York: Basic Books.
- Yoshida, E. M. P. (1993) A psicoterapia breve na realidade brasileira. *Mudanças, S.B. do Campo, IEMS*, 1, 23-25.
- Yoshida, E. M. P.; Coelho Filho, J. G.; Enéas, M. L. E.; Gatti, A. L. e Xavier, I. A. (1993) Exercícios de psicoterapia breve em instituições de saúde de Campinas-SP. *Revista de Psicologia Hospitalar - CAPSI*, 4(1), 20-25.
- Yoshida, E. M. P.; Gatti, A. L.; Enéas, M. L. E.; Coelho Filho, J. G. e Bobrow, M. (1995) Levantamento de artigos publicados sobre psicoterapias breves: 1990 a 1994. *Resumos. V Encontro de Pesquisadores da PUC-Campinas*, 18.
- Yukimitsu, M. T. C. P. (1991) *Psicoterapia Breve: conceito e prática através da técnica Delphi*. Dissertação de Mestrado. Campinas: PUC-Campinas.